



## PLACEBO: EFEITOS PSICOLÓGICOS DA CURA

Michelli Aparecida Michels<sup>1</sup>; Juliana Ruzzon 1, Hugo Pires Júnior<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa teve como objetivo caracterizar o emprego do placebo na prática médica com enfoque na literatura, visando identificar os fatores psicológicos que influenciam o processo de cura. É um trabalho exploratório de levantamento bibliográfico onde para ser abordado o tema foi utilizado como fonte de informações livros, revistas, artigos científicos, periódicos localizados em bibliotecas e nas bases de dados nacionais e internacionais como os sites bireme e scielo. Os artigos recolhidos foram selecionados para leitura, análise, fichamento e resumo. Os dados foram organizados para uma análise qualitativa. Finalmente, a última etapa deste trabalho foi a elaboração do artigo científico com a conclusão do trabalho. Como resultados, foi possível concluir que as condições em que os placebos se mostram eficazes são exatamente aquelas que um componente emocional deve ser postulado na etiopatogenia. O efeito placebo pode ser útil, pois esses efeitos não medicamentosos podem ser benéficos ao paciente. A ação curativa de agentes terapêuticos específicos, farmacologicamente ativos, pode ser reforçada, por efeito placebo conseqüente às expectativas de cura, despertadas nos pacientes dentro do contexto de uma boa relação médico-paciente. Contrariamente, se não houver boa relação médico/paciente, pode ocorrer um efeito placebo negativo de tal monta que prejudique a adesão ao tratamento. O paciente simplesmente ignora a receita ou toma os medicamentos de maneira completamente diferente da que foi prescrita. Mesmo se chegar a tomá-los da maneira prescrita, vai exagerar todos os possíveis efeitos negativos e ignorar os efeitos positivos do tratamento.

**PALAVRAS-CHAVES:** Componente emocional; Cura; Placebo.

### 1 INTRODUÇÃO

Placebo é uma substância inerte, sem ação específica nos sintomas ou doenças do paciente, possuindo a aparência de um medicamento, não contendo ação farmacológica e é dado para satisfazer uma necessidade simbólica do paciente, podendo causar efeito neste, sendo ministrado com fins sugestivos. Do ponto de vista químico e físico, o efeito placebo é algo que em princípio não deveria funcionar, pois são ações psicológicas que não utilizam princípio ativo, sendo que este efeito evidencia o quanto que o pensamento consegue modificar o funcionamento do corpo. A expectativa que o doente tem de que algo (medicamento, cirurgia) será eficaz tem a capacidade de alterar o desempenho do Sistema Nervoso Central, pois acionadas pela imaginação do doente, algumas áreas do sistema nervoso associadas à percepção da dor se torna menos ativas enquanto outras relacionadas a inibição da dor são acionadas. O efeito placebo são as transformações subjetivas ou objetivas do estado do paciente produzidas pelos placebos, mostrando que

<sup>1</sup> Acadêmicas do Curso de Psicologia. Departamento de Psicologia. Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá - PR. Bolsistas do Programa de Bolsas de Iniciação Científica Fundação Araucária/Cesumar. [michellimichels@yahoo.com.br](mailto:michellimichels@yahoo.com.br), [juliana\\_dickinson@yahoo.com.br](mailto:juliana_dickinson@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Docente do Cesumar. Departamento de Psicologia. Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá - PR. [hugo@cesumar.br](mailto:hugo@cesumar.br)

a cura depende da intenção curativa do próprio paciente, assessorado pela vontade curadora do médico que o assiste. Assim como existe o efeito placebo positivo, também existe o efeito placebo negativo, que é chamado de efeito nocebo, que consiste nos efeitos colaterais, como por exemplo pacientes que sentem secura na boca, cansaço, confusão mental, entre outros efeitos. É curioso saber que um mesmo indivíduo pode responder de forma diferente a um placebo em ocasiões diferentes. A origem do termo placebo vem do latim “placere”, que significa agradar e proporcionar prazer, trazendo a idéia de que se trata de uma medida adotada mais para agradar do que tratar os pacientes. Este termo aparece nos livros de medicina em fins do século XVIII, mas o conceito de efeito placebo ganhou peso mesmo após a Segunda Guerra Mundial, quando pesquisas médicas começaram a revelar alterações no funcionamento do organismo produzidas por substâncias farmacologicamente inócuas. O termo placebo costuma estar popularmente associado a feitiços, magia ou até um elevado grau de histeria. Para se ter uma idéia, a proporção de pacientes que respondem positivamente ao fenômeno placebo pode ser de 20% a 100%, dependendo do tipo de distúrbio e sintoma a ser tratado. Fato esse que aumenta a curiosidade em descobrir quais os fatores que levam a um índice tão alto de respostas positivas entre os pacientes. Portanto, o objetivo desta pesquisa foi de identificar os fatores psicológicos que influenciam neste processo de cura.

## **2- MATERIAL E MÉTODO**

Foi preciso levantar bibliografias entre livros, revistas, artigos científicos, periódicos localizados em bibliotecas e nas bases de dados nacionais e internacionais como os sites breme e scielo, que mencionava o tema “placebo”. Os artigos foram recolhidos e selecionados para posterior leitura, análise, fichamento e resumo. Os dados coletados foram organizados para uma análise qualitativa e a última etapa foi a elaboração do artigo científico com a conclusão e discussão do trabalho.

## **3- RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O por quê de uma substância inerte (placebo) fazer efeito ainda não é completamente esclarecido. Muitos autores acreditam que o efeito placebo seja psicológico, devido a um efeito real causado pela crença ou por uma ilusão subjetiva. O efeito placebo é, então, as transformações subjetivas ou objetivas do estado do paciente produzidas pelos placebos, mostrando que a cura depende da intenção curativa do próprio paciente, assessorado pela vontade curadora do médico que o assiste. As crenças e esperanças de uma pessoa sobre um tratamento, combinadas com sua sugestibilidade, podem ter um efeito bioquímico significativo. Sabemos que as experiências sensoriais e pensamentos podem afetar a neuroquímica, e que o sistema neuroquímico do corpo afeta e é afetado por outros sistemas bioquímicos, inclusive o hormonal e o imunológico. Assim, há provavelmente uma boa dose de verdade na afirmação de que a atitude esperançosa e as crenças de uma pessoa são muito importantes para o seu bem estar físico e sua recuperação de lesões ou doenças. Há outras duas teorias que explicam o placebo: a teoria da expectativa e a teoria do condicionamento clássico. Sobre a primeira teoria, a expectativa e a opinião do paciente de um resultado positivo - ou negativo quando tratamos do fenômeno nocebo – podem ocasionar efeitos da experiência de acordo com o que espera da substância dada, sendo que o efeito placebo, de acordo com essa teoria, pode depender da instrução verbal dada ao sujeito. Na segunda teoria (do reflexo condicionado) a idéia geral é que o efeito placebo surge como um reflexo condicionado involuntário por parte do organismo do paciente. Segundo essa teoria, podemos compreender o funcionamento do sistema nervoso como dependente de reflexos, ou seja, respostas a estímulos provenientes do meio externo ou do interno. Um

estímulo sensorial, que venha de dentro ou de fora do organismo, atinge um receptor e provoca modificação das condições orgânicas e, em conseqüência, uma resposta que pode ser motora, secretora ou vegetativa. Chegamos, então, a uma explicação fisiológica bastante convincente sobre o efeito placebo: trata-se de um efeito orgânico causado no paciente pelo condicionamento pavloviano ao nível de estímulos abstratos e simbólicos. Segundo essa explicação, o que conta é a realidade presente no cérebro, não a realidade farmacológica. A expectativa do sistema nervoso em relação aos efeitos de uma droga pode anular, reverter ou ampliar as reações farmacológicas desta droga. Pode também fazer com que substâncias inertes provoquem efeitos que delas não dependem. Concluindo, então, a teoria do condicionamento clássico sugere que o efeito do placebo é uma resposta condicionada por causa das associações repetidas entre um estímulo condicionado (um componente neutro tal como a cor ou a forma de uma droga ativa) e um estímulo incondicionado (o elemento ativo capaz de eliciar respostas).

#### **4- CONCLUSÃO**

No caso de medicamento, uma droga administrada a um paciente pode ter uma ação puramente farmacodinâmica, pode ter efeito puramente placebo ou pode ter ambos os mecanismos atuando. Por isso é necessário analisar profundamente as crenças, que a partir delas, em determinados casos haverá “cura” ou não, podendo provocar alteração no corpo físico, pois corpo e mente estão conectados, e o que acontece em um, influencia diretamente no outro e vice-versa. O valor potencial do efeito placebo vem sendo, aos poucos, reconhecido como instrumento terapêutico potente, a exigir maior conhecimento e aplicação em relação aos recursos terapêuticos (ministração dos medicamentos, o simbolismo do médico e da droga, entre outros). Por isso há uma necessidade em ampliar os estudos sobre o efeito placebo, que ainda precisa de investigação. É constatado o componente emocional no adoecer e aos poucos isso já está sendo reconhecido na área da saúde. Agora é a vez dos profissionais dessa área reconhecer a importância do conforto afetivo, do otimismo, da confiança, entre outros, no restabelecimento da saúde para obter a “cura”. Para terminar lembramos que alguns autores consideram que o efeito placebo tem o seu lado negro, pois as curas a ele devidas favorecem a perpetuação do uso de medicamentos e procedimentos terapêuticos ineficazes e irracionais, como os que acontecem na chamada "medicina alternativa".

#### **REFERÊNCIAS**

- AMARAL, Julio Rocha, SABBATINI, Renato - Universidade Estadual de Campinas, 1999 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS- ABNT. *NBR 14724*. Informação e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro, jun 2001
- BALLONE, G.J. *O Placebo e a Arte de Curar* in. PsiqWeb, Internet, disponível em [www.psiqweb.med.br](http://www.psiqweb.med.br), revisto em 2005
- BUENO, J.R.; LAKS, J. *Atividade ansiolítica da buspirona: estudo comparativo com placebo e diazepam*. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 37, abr, 1988
- CAMPOS, E.P. *Aspectos Psicossomáticos das doenças cardiovasculares e o efeito placebo*. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 34, dez 1985
- ELKIS, Helio. GATTAZ, Wagner. *Algumas recomendações para estudo com placebo*. *Rev. Bras. Psiquiatr.* V.22 n.4 São Paulo. Dez, 2000
- Pequeno dicionário de medicina*. Editora Abril Cultural, 1971 São Paulo

TOSTES, Luiz R.M. *O efeito placebo e os aspectos inespecíficos das psicoterapias.*  
Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 34, dez 1985

ZORZETTO, Ricardo. *Remédios imaginários.* Ciência e Tecnologia no Brasil. Pesquisa  
Fapesp nº 100, jul 2004